

"Um thriller realmente viciante."


REESE WITHERSPOON

UM  
MAR  
DE  
SEGRE  
DOS

○ CASAL PERFEITO.  
○ CRIME PERFEITO.

CATHERINE STEADMAN





"Um thriller realmente viciante."

REESE WITHERSPOON

UM  
MAR  
DE  
SEGRE  
DOS

○ CASAL PERFEITO.  
○ CRIME PERFEITO.

CATHERINE STEADMAN





## **DADOS DE COPYRIGHT**

### **SOBRE A OBRA PRESENTE:**

A presente obra é disponibilizada pela equipe Le Livros e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em

pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o

simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura. É expressamente

proibida e totalmente repudiável a venda,

aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

### **SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:**

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade

intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação

devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer



pessoa. Você pode encontrar mais obras em

nosso site: [LeLivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste [LINK](#).

**"Quando o mundo estiver unido**

na busca do conhecimento, e  
não mais lutando por dinheiro e  
poder, então nossa sociedade  
poderá enfim evoluir a um novo  
nível."

CATHERINE STEADMAN

# UM MAR DE SEGREDOS



EDITORA RECORD  
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

tradução de

Clóvis Marques

1ª edição

**2020**

**EDITORA-EXECUTIVA**

Renata Pettengill

# **SUBGERENTE EDITORIAL**

Mariana Ferreira

# **ASSISTENTE EDITORIAL**

Pedro de Lima

# **AUXILIAR EDITORIAL**

Clara Alves

# **COPIDESQUE**

Marina Albuquerque

REVISÃO

Vanna Beatriz Patuelli

Renato Carvalho

# **CAPA**

Capa adaptada do design original de Craig Fraser, S&S Art Dept.

## **IMAGEM DE CAPA**

© Jeff Rotman (água); © Justin Pumfrey (barco); © Ralf Hiemisch (dinheiro) / Getty Images

## **DIAGRAMAÇÃO**

Juliana Brandt

## **TÍTULO ORIGINAL**

Something in the Water

## **CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO**

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S821m Steadman, Catherine, 1987—

Um mar de segredos [recurso eletrônico] / Catherine Steadman ; tradução de Clóvis Marques. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Record, 2020.

recurso digital

Tradução de: Something in the water



**EDITORA AFILIADA**

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-85-01-11948-3 (recurso eletrônico)

1. Ficção inglesa. 2. Livros eletrônicos. I. Marques, Clóvis. II. Título.

**20-62326**

**CDD: 823**

CDU: 82-3(410.1)

Vanessa Mafra Xavier Salgado – Bibliotecária – CRB-7/6644

Copyright © 2018 by Catherine Steadman

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais da autora foram assegurados.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela

**EDITORA RECORD LTDA.**

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000, que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-11948-3

Seja um leitor preferencial

Record.

Cadastre-se no site [www.record.com.br](http://www.record.com.br) e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor: [sac@record.com.br](mailto:sac@record.com.br)

Para Ross

Quando uma vitória é contada em detalhes, não se consegue mais distingui-la de uma derrota.

— Jean-Paul Sartre, O Diabo e o Bom Deus

Eu vou sorrir; mas meu sorriso vai pro fundo dos seus olhos, e sabe Deus o que ele vai virar.

— Sartre, Entre quatro paredes

Sumário

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

**1**

Sábado, 1º de outubro

## A COVA

Alguma vez você já se perguntou quanto tempo leva para cavar uma cova? Pois não precisa mais se perguntar. Leva uma eternidade. Seja qual for o tempo que se tenha em mente, será o dobro disso.

Com certeza você já viu nos filmes: o herói, talvez com um revólver apontado para sua cabeça, suando e grunhindo ao cavar cada vez mais fundo, até ficar de pé a sete palmos debaixo da terra, no próprio túmulo. Ou então, dois bandidos desafortunados, discutindo e se retrucando de maneira sarcástica enquanto cavam freneticamente, num caos hilário e meio doido, com terra voando para todo lado numa ligeireza de desenho animado.

Mas não é assim. É difícil. Não tem nada de fácil. A terra é compacta, pesada, resistente. É difícil pra cacete.

E é chato. E demorado. E tem que ser feito.

O estresse, a adrenalina, a necessidade instintiva e desesperadora de ter que fazer aquilo mantêm você de pé por uns vinte minutos. E aí você desmorona.

Seus músculos desistem. Pele no osso, osso na pele. O coração dói por causa da insuficiência adrenal, a glicose despenca, você

chega ao seu limite. O corpo todo atinge o limite. Não dá mais.

Mas você sabe, com muita clareza, que, exausto ou não, estando bem ou mal, aquela cova vai ser cavada.

Você passa a marcha de novo. É como quando se chega àquele ponto, na metade de uma maratona, em que a empolgação inicial passa, e então você, a contragosto, tem que levar a maldita obrigação até o fim. Você se dedicou àquilo, de corpo e alma.

Disse a todos os amigos que iria, convenceu-os a fazer doações para uma ou outra instituição de caridade que mal conhece. E

então, por causa disso, você saía para correr toda noite, sozinho, pernas latejando, com fones de ouvido, percorrendo quilômetros.

Para ser capaz de lutar contra si mesmo, lutar contra o próprio corpo, ali, naquele momento, naquele momento tão difícil, e ver quem é que vence. E ninguém está vendo, só você. Ninguém dá a mínima, só você. Só você consigo mesmo, tentando sobreviver. É

assim que a gente se sente ao cavar um túmulo: como se a música tivesse parado e você não pudesse parar de dançar. Pois, se parar, morre.

Então você continua cavando. Porque a alternativa é muito pior do que cavar uma cova horrível e interminável no solo duro e compacto, com uma pá que encontrou no quintal de algum velho.

Enquanto cava, cores dançam à sua frente: fosfênios gerados pelo estímulo metabólico de neurônios no córtex visual, consequência de oxigenação insuficiente e baixa glicose. O sangue ribomba nos seus ouvidos: baixa pressão arterial provocada pela desidratação e pelo esforço excessivo. E os pensamentos? Os pensamentos sobrevoam a piscina tranquila da sua consciência, raramente tocando a superfície. E vão embora antes que se consiga capturá-los. Sua mente está completamente vazia. O

sistema nervoso central encara a exaustão como uma situação de luta ou fuga. A neurogênese induzida pelo exercício, associada à

“liberação de endorfinas decorrente da atividade física”, tão adorada pelas famosas revistas de esportes, ao mesmo tempo inibe o cérebro e o protege da dor constante e do estresse da atividade.

A exaustão é um fantástico nivelador emocional. Seja correndo ou cavando.

Lá pelos quarenta e cinco minutos, cheguei à conclusão de que um metro e oitenta não é uma profundidade realista para este túmulo. Não vou conseguir cavar sete palmos. Eu tenho um metro e setenta. Não conseguiria nem sair. Estaria literalmente cavando minha própria cova.

Segundo um levantamento feito em 2014 pela YouGov, um metro e setenta centímetros é a altura ideal para uma britânica.

Aparentemente, essa é a altura preferida do britânico médio para sua parceira. Sorte a minha, então. Sorte do Mark. Meu Deus, como eu queria que ele estivesse aqui!

Mas, se não vou cavar sete palmos, até onde eu vou? Qual seria a profundidade ideal?

Corpos costumam ser encontrados por causa de covas malfeitas. Não quero que isso aconteça. Realmente não quero.

Definitivamente não é o resultado que espero. E, para uma cova malfeita — para qualquer coisa malfeita, na verdade —, existem três explicações:

1. Falta de tempo
2. Falta de iniciativa
3. Falta de cuidado

Com relação ao tempo: disponho de três a seis horas para fazer isso. Três horas é minha estimativa mais otimista. Seis horas é quanto ainda falta até escurecer. Tenho tempo.

Iniciativa eu acredito ter; dois cérebros pensam melhor que um. Espero. Preciso apenas fazer uma coisa de cada vez.

E o número três: cuidado? Meu Deus, é o que não me falta! E

como! Nunca fui tão cuidadosa na vida.

Noventa centímetros é a profundidade mínima recomendada pelo Instituto de Gestão de Cemitérios e Crematórios. Eu sei porque fui pesquisar no Google. Procurei antes de começar a cavar. Viram só? Iniciativa. Cuidado. Me agachei ao lado do corpo, pisando em lama e folhas molhadas, e pesquisei no Google como enterrar um

corpo. E fiz isso usando o celular descartável do corpo. Se o encontrarem... não vão encontrar... e conseguirem recuperar os dados... não vão recuperar os dados... esse histórico de busca vai render uma história fantástica.

Duas horas depois, paro de cavar. A cova tem pouco mais de noventa centímetros de profundidade. Não tenho aqui uma fita métrica, mas lembro que equivale mais ou menos à altura da virilha. A mesma altura do salto mais alto que consegui dar nas férias de hipismo que tirei antes de ir para a faculdade há doze anos. Presente de aniversário de 18 anos. Engraçado o que fica na memória, não é? Mas aqui estou eu, metida num túmulo até a cintura, recordando um evento esportivo. Conquistei o segundo lugar, por sinal. E fiquei muito feliz.

Enfim, cavei aproximadamente noventa centímetros de profundidade, sessenta de largura, um metro e oitenta de comprimento. Sim, isso levou duas horas.

Lembrando: cavar um túmulo é muito difícil.

Só para dar uma ideia, essa cova, a cova que levei duas horas para abrir, que tem 90 cm x 60 cm x 1,80 m, equivale a um metro cúbico de solo, nada menos que uma tonelada e meia de terra.

Simplesmente o peso de um Citroën C4, ou de uma baleia-branca adulta, ou de um hipopótamo de tamanho médio. Eu movi o equivalente a isso para cima e ligeiramente para a esquerda de onde estava antes. E esse túmulo só tem noventa centímetros de profundidade.

Eu olho para a lama no montículo e, devagar, dou um jeito de me içar para fora, os antebraços tremendo com meu próprio peso. O

corpo está à minha frente, debaixo de uma lona rasgada, o azul-cobalto brilhante em contraste com o marrom da terra da floresta.

Eu a encontrei largada, pendurada como um véu no galho de uma árvore no acostamento, em tranquilo convívio com uma geladeira abandonada. A portinha do congelador da geladeira rangia calmamente ao vento. Descartada.

Tem algo de muito triste nos objetos abandonados, não é mesmo? Desolador. Mas tem sua beleza. Suponho que, de certa

forma, eu mesma tenha abandonado um corpo.

A geladeira já estava ali havia algum tempo — eu sei porque a vi da janela do carro quando passamos aqui há três meses, e ninguém veio buscá-la ainda. Estávamos voltando de Norfolk para Londres, Mark e eu, depois de comemorar nosso aniversário, e meses depois lá está a geladeira no mesmo lugar. Estranho pensar em quanta coisa aconteceu — comigo, conosco — nesse meio-tempo, mas aqui nada mudou. Como se este lugar estivesse fora do curso do tempo, uma área protegida. Dá essa sensação.

Talvez ninguém tenha estado aqui desde a vinda do dono da geladeira, e só Deus sabe há quanto tempo foi isso. A geladeira é claramente da década de 1970 — sabe como é, meio retrô, estilo brick. Brick, Kubrick. Um monólito num bosque úmido da Inglaterra. Obsoleta. Há três meses aqui, pelo menos, e ninguém para pegar, ninguém do depósito de lixo. Ninguém passa por aqui, é evidente. Só nós. Ninguém da prefeitura, nenhum morador indignado para escrever cartas à prefeitura, ninguém passeando cedinho com o cachorro para tropeçar na escavação.

Foi o lugar mais seguro em que consegui pensar. E aqui estamos.

Vai levar um tempo para o solo todo assentar. Mas acho que a geladeira e eu temos tempo suficiente.

Examino de novo o monte de lona amarrotada. Debaixo jaz carne, pele, ossos, dentes. Morto há três horas e meia.

Fico imaginando se ainda está quente. Meu marido. Quente ao toque. Pesquiso no Google. Seja como for, não quero ter essa surpresa.

Tudo bem.

Tudo bem, os braços e as pernas devem estar frios, mas o tronco ainda estará quente. Tudo bem, então.

Respiro bem fundo.

Muito bem, aqui vamos nós...

Eu paro. Espero.

Não sei por que, mas apago o histórico de busca do celular descartável. Não faz sentido, eu sei. O celular é irrastrável e, depois de algumas horas nesse solo úmido de outubro, não vai funcionar de jeito nenhum. Mas vai que funciona? Boto de novo o

celular pré-pago no bolso do casaco dele e tiro seu iPhone do bolso do peito. Está em modo avião.

Passo os olhos pela galeria de fotos. Nós. Meus olhos lacrimejam e lágrimas quentes escorrem pelo meu rosto.

Eu retiro a lona, expondo tudo o que ela escondia. Limpo as digitais do celular, devolvo-o ao bolso quente do peito e me preparo para arrastar o corpo.

Não sou uma pessoa ruim. Ou talvez eu seja. Talvez você é quem deva decidir, não?

Mas com certeza eu devo explicar. E, para explicar, preciso voltar no tempo. Voltar para aquela manhã do aniversário, três meses atrás.

## 2

Sexta-feira, 8 de julho

### A MANHÃ DO ANIVERSÁRIO

Acordamos antes do nascer do sol, Mark e eu. É a manhã do nosso aniversário. O aniversário do dia em que nos conhecemos.

Estamos hospedados num hotel boutique no litoral de Norfolk.

Mark o encontrara no caderno “Como gastar” do Financial Times.

Ele é assinante, mas os cadernos são a única parte que arruma tempo para ler. E o FT estava certo, isto aqui é mesmo “o aconchegante retiro no campo com o qual você sempre sonhou”.

E fico feliz que seja com isso que nós “estamos gastando”. Claro que, na verdade, não sou eu quem está gastando, mas acho que muito em breve será.

O hotel é um perfeito refúgio no campo, com seus frutos do mar frescos, a cerveja gelada e as mantas de caxemira. Chelsea-sobre-o-Mar, dizem os guias turísticos.

Havíamos passado os últimos três dias caminhando até nossos músculos ficarem pesados, as bochechas, avermelhadas do sol inglês e do vento batendo, os cabelos, cheirando a floresta e sal marinho. Fazendo caminhada e depois fodendo, tomando banho e comendo. O paraíso.

O hotel foi construído originalmente em 1651 como estalagem de beira de estrada para funcionários da alfândega que

estivessem fazendo a difícil viagem até Londres, e ostentava entre seus hóspedes regulares o famoso lorde e vice-almirante Horatio Nelson, nascido em Norfolk e vencedor da batalha de Trafalgar.

Ele ficava no quarto 5, ao lado do nosso, e parece que todo sábado, durante os cinco anos em que ficou desempregado, vinha buscar sua correspondência. Interessante saber que o lorde Nelson também teve seus períodos de desemprego. Sempre achei que quem era da Marinha simplesmente ficava na Marinha. Mas as coisas são assim mesmo. Acontece até com os melhores. Enfim, ao longo dos anos, o hotel fora cenário de leilões de gado, audiências de tribunal e das atrações divertidíssimas do Festival de Jane Austen.

O livro de cabeceira deixado em nosso quarto nos informava alegremente que as audiências preliminares do famigerado processo das assassinas de Burnham tinham sido realizadas na atual sala de jantar do térreo. “Famigerado” em termos. Eu mesma nunca tinha ouvido falar. Então fui procurar informações.

A história começou em 1835, com a mulher de um sapateiro tendo violentas ânsias de vômito à mesa do jantar diante do marido. A sra. Taylor, a do vômito, havia sido envenenada com arsênico. A farinha da dispensa tinha sido contaminada com o negócio, e a autópsia encontraria mais tarde traços de arsênico no revestimento interno do seu estômago. A investigação sobre o envenenamento constatou que o sr. Taylor vinha tendo um caso com a vizinha, uma tal de sra. Fanny Billing. E Fanny Billing recentemente gastara três tostões em arsênico com um farmacêutico local. Esse arsênico chegara ao pote de farinha dos Taylor e, conseqüentemente, aos bolinhos que puseram fim à vida da sra. Taylor. Imagino que o sr. Taylor estivesse de jejum naquela noite. Talvez fazendo uma dieta low-carb.

Informações dadas por um outro vizinho na investigação indicaram que uma certa sra. Catherine Frary tivera acesso à casa dos Taylor naquele dia e fora ouvida dizendo a Fanny antes do interrogatório: “Aguenta firme que eles não vão conseguir nos pegar.”

Investigações posteriores revelaram que o marido de Catherine e seu filho também morreram repentinamente duas semanas

antes.

Suspeitas do crime, portanto. O estômago do marido e o do filho de Catherine foram mandados para Norwich, onde as análises confirmaram que também continham arsênico. Uma testemunha na casa dos Taylor declarou ter visto Catherine cuidando da sra. Taylor após os acessos de vômito e adicionando um pó branco, “tirado de um papelote com a ponta de uma faca”, ao mingau da sra. Taylor, envenenando-a pela segunda vez. Desta vez, fatalmente. As duas mulheres também haviam envenenado a cunhada de Catherine na semana anterior.

Catherine e Fanny foram enforcadas em Norwich pelos assassinatos de seus maridos, da sra. Taylor, da cunhada e do filho de Catherine. Segundo o *Nile's Weekly Register* de 17 de outubro de 1835, as duas foram “despachadas para a eternidade em meio a uma enorme afluência de espectadores (vinte ou trinta mil), mais da metade mulheres”. Despachadas para a eternidade.

Belo endereço de entrega.

Estranho incluir o caso das “assassinas de Burnham” nos folhetos do hotel, especialmente considerando as expectativas de quem resolve passar um feriado ali.

O despertador nos tira às quatro e meia da manhã de baixo do edredom quentinho de penas de ganso e algodão egípcio. Nos vestimos em silêncio, com as roupas que já havíamos separado na noite anterior: camisetas de algodão fino, botas de caminhada, jeans e suéteres de lã para usar até o nascer do sol. Eu faço café usando a pequena cafeteira do quarto enquanto Mark arruma o cabelo no banheiro. Mark não é um homem vaidoso em nenhum aspecto, mas, como a maioria dos homens na casa dos 30, arrumar-se, para ele, ao que parece, significa principalmente arrumar o cabelo. Mas eu gosto da hesitação dele, uma pequena rachadura na sua perfeição. E também gosto de ficar pronta primeiro. Bebemos nosso café já arrumados, em cima do edredom, calados, janelas abertas, o braço dele me envolvendo.

Vai dar tempo de entrar no carro e chegar à praia antes do amanhecer. O sol vai nascer às 5h05, segundo o informativo diário junto à cama.

Vamos então de carro, em relativo silêncio, até a praia de Holkham, respirando e pensando. Estamos juntos, mas sozinhos com nossos pensamentos e um com o outro. Tentando resistir à pesada sonolência que ainda não se foi completamente. Todo o processo parece um ritual familiar. Às vezes é assim com a gente, as coisas foram acontecendo desse jeito. Uma certa magia vai entrando na nossa vida, e nós a cultivamos como uma suculenta.

Já fizemos tudo isso antes, é um dos nossos segredinhos. Manhã de aniversário. Enquanto estacionamos, fico me perguntando se continuaremos comemorando esse dia depois de nos casarmos, daqui a dois meses. Ou será que o dia do casamento vai ser a nossa nova data?

Ao sair do carro, encontramos um silêncio perfeito no Holkham Hall. Um silêncio interrompido, vez ou outra, pelo canto vigoroso de um pássaro. Um rebanho de cervos no campo ao lado se alarma e congela quando batemos as portas do carro.

Nós retribuímos o olhar deles, todos momentaneamente imobilizados, até voltarem de novo a atenção para a relva.

Nosso carro é um dos primeiros a estacionar no cascalho do estacionamento. Vai ficar muito mais movimentado mais tarde —

sempre fica —, com cães e famílias, reboques para cavalos e cavaleiros, grupos inteiros tentando aproveitar ao máximo os últimos dias de tempo bom. Parece que esse calor não vai durar muito. Mas é o que dizem todo ano, não é?

Não há ninguém à vista quando descemos as trilhas de cascalho que levam à grande extensão desértica da praia de Holkham, seis quilômetros e meio de areia dourada ladeada por uma floresta de pinheiros. O vento do Mar do Norte curva os tufo de mato e lança

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Um Mar de Segredos"  
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).